

O sucesso subiu à cabeça de Sarney

Ele acha que conseguiu uma grande vitória externa. E mandou um recado à Fiesp: deveria confiar no Brasil, "como o Clube de Paris".

E está fazendo os empresários perderem a paciência

"Estamos funcionando de teimosos, diante das intervenções do governo, porque acreditamos no Brasil", rebate o empresário Fernando Levy.

A troca de farpas entre o presidente da República e os empresários continua. E com a corda toda, apesar do bom humor de Sarney, em consequência do acordo para o pagamento da dívida externa. Ainda muito bem disposto e afastando a possibilidade de um Cruzado III, de surpresa, o presidente recebeu parlamentares, ontem, no Palácio do Planalto. Insistindo que o momento não comporta pessimismo, ele novamente mandou um recado aos empresários, particularmente os da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. "Alguns membros da Fiesp deviam fazer como os membros do Clube de Paris, e acreditar mais no Brasil."

Esse comentário, segundo o deputado Alberico Cordeiro (PFL-AL), foi feito durante a audiência que o presidente concedeu aos parlamentares, que o encontraram "muito entusiasmado". Os empresários, por sua vez, não tardaram a reagir. Aldo Lorenzetti, presidente da Abinee (Associação Brasileira

da Indústria Eletro-Eletrônica), reivindicou para o empresariado "condições mínimas de sobrevivência" e negou que haja pessimismo. Fernando Levy, diretor da delegacia de Diadema do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, retribuiu críticas, lembrando os gastos do governo:

— Estamos sendo tratados como o bandido da história, como se fôssemos responsáveis pela inflação, pela dívida externa, pelos escândalos, pelos gastos excessivos. Mas a realidade é bem outra. Está aí a reestruturação da Caixa Econômica Federal, para incorporar as atribuições do extinto BNH (Banco Nacional da Habitação), fato que não deixa margem a dúvidas. É uma demonstração evidente de que o proibido gastar foi enterado junto com Tancredo Neves.

Fernando Levy, respondendo diretamente ao comentário atribuído a Sarney, declarou: "Estamos funcionando de persistentes, de teimosos, diante das constantes

intervenções do governo federal, justamente porque acreditamos no Brasil".

Já o titular da delegacia da Ciesp em Santo André, Hiroshi Hashimoto, negando detectar no meio empresarial qualquer manifestação de não engajamento no processo econômico liderado pelo Estado, afirmou:

— Sempre apoiamos todas as decisões do governo e estamos suportando há muito tempo medidas que sacrificam mais e mais a iniciativa privada. Dizer amém não é a melhor maneira de confiar neste País.

Posição semelhante manifestou Aldo Lorenzetti, ao sair de uma audiência com o presidente Sarney, ontem, em Brasília. Ele frisou que o empresariado confia tanto no País que investiu maciçamente ao longo dos anos, mas ressaltou que diante de uma situação como a atual tem o direito de reivindicar "condições mínimas" para a sobrevivência de seus setores.

Essas condições, segundo o presidente da Abinee, seriam: certeza de que não haverá mudanças bruscas nas regras do jogo; juros mais baixos; garantia de um mínimo de rentabilidade. Ao mesmo tempo, ao comentar as negociações rumo ao pacto social, Lorenzetti condenou a proposta de realinhamento geral dos preços em 25%, por considerar que alguns setores foram mais sacrificados do que os outros.

Euforia

Nada menos que eufórico com os resultados das negociações da dívida externa — assim o líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli (RS), avaliou o ânimo do presidente. Adiantou que, segundo Sarney, com o desbloqueio dos créditos de exportação, possível graças ao reescalonamento da dívida, o crescimento do País poderá superar a média estimada de 5%, chegando à casa dos 7%.

